

Índice

Capítulo Um	11
Capítulo Dois	27
Capítulo Três	41
Capítulo Quatro	55
Capítulo Cinco	70
Capítulo Seis	81
Capítulo Sete	96
Capítulo Oito	110
Capítulo Nove	120
Capítulo Dez	130
Capítulo Onze	143
Capítulo Doze	157
Capítulo Treze	173
Capítulo Catorze	188
Capítulo Quinze	200
Capítulo Dezasseis	208
Capítulo Dezassete	222
Notas de Tradução	235

Capítulo Um

Durante a década de sessenta, o velho Sr. Tomelty acrescentara uma extensão incongruente ao seu arremedo de castelo vitoriano. Era um anexo de dimensões modestas, mas com alguns detalhes agradáveis que o tornavam digno de acolher um hipotético membro da família. O trabalho de carpintaria, pelo menos, revelara-se excelente. Uma das paredes estava coberta por um material a imitar madeira, com uma superfície envernizada que captava a luz e a fazia mudar de cor, para tons suaves de um castanho-escuro.

Foi nestas acomodações, compostas por um minúsculo vestíbulo e um quarto com um bocadinho de eco, onde se acumulavam centenas de livros ainda dentro de caixotes, mais dois estojos de armas que guardara dos tempos passados no exército, que Tom Kettle «desembocou», para usar a sua expressão. Os livros lembravam, à revelia da vida atual, os seus antigos interesses. A história da Palestina, da Malásia britânica, antigas lendas irlandesas, deuses entretanto rejeitados, uma dúzia de assuntos aleatórios que em determinados momentos apelaram ao seu espírito inquisitivo. O som agitado do mar, por baixo da janela panorâmica, fora o atrativo inicial, mas tudo naquele lugar lhe agradava — a arquitetura pseudo-gótica, incluindo o acastelamento inútil da linha do telhado, a geometria das sebes no jardim, que criava um espaço protegido do vento onde se podia apanhar sol, os pontões em granito meio desfeitos ao longo da costa, a ilha ali tão perto mas esquivada, até as condutas de esgoto em mau estado que derramavam o seu conteúdo no mar. As tranquilas poças criadas pelas marés recordavam-lhe a

criança facilmente impressionável que um dia tinha sido, há sessenta anos, em contraponto vagamente atormentador com o ruído distante das crianças de hoje, a brincar nos seus jardins invisíveis. O tormento vago era a sua especialidade, pensou. As cortinas de chuva, a claridade intensa, os pescadores, pobres heróis tentando trazer os seus barcos a remos até ao pequeno porto escavado na rocha, enquanto lutavam contra a corrente feroz, coisas tão puras e agradáveis como as que havia em New Ross, onde trabalhara como polícia quando era muito novo — tudo lhe parecia maravilhoso. Mesmo agora, em pleno inverno, quando a estação fria se mostrava apenas interessada em exhibir a sua dureza hostil.

Ele gostava de se sentar numa cadeira de verga desbotada pelo sol, mesmo no centro da sala de estar, pés apontados aos murmúrios da natureza lá fora, fumando as suas cigarrilhas. Observava os corvos-marinhos alinhados nas rochas negras, para a esquerda da ilha. O seu vizinho, na vivenda que ficava mesmo ao lado do falso castelo, montara um suporte para a espingarda na varanda e por vezes, ao fim do dia, apontava aos corvos-marinhos e às gaivotas, pobres aves inocentemente pousadas naquelas rochas, julgando-se a salvo das atenções humanas. Algumas acabavam por tombar, como os patos de metal nas atrações de tiro ao alvo das feiras. E tombavam tão suavemente, tão tranquilamente, quanto um ser vivo pode tombar. Ele nunca se deslocara até à ilha mas, no verão, testemunhara a ida de alguns grupos de pessoas até lá, em botes. Os barqueiros inclinados sobre os remos, a corrente oferecendo resistência à quilha. Não participava em tais passeios, não queria fazer a curta viagem, limitava-se a contemplar tudo de longe. O distanciamento bastava-lhe. Para ele, o sentido da aposentação, e da sua nova existência, era mesmo esse: ficar imóvel, ao mesmo tempo feliz e inútil.

Naquela tarde de fevereiro aparentemente calma, alguém bateu à porta e perturbou o sossego do seu ninho. Nos nove meses que vivera ali, ninguém o incomodara a não ser o carteiro e, numa certa ocasião, o Sr. Tomelty em pessoa, vestido com a sua roupa de jardinagem, a pedir uma chávena de açúcar, o que Tom não lhe conseguiu providenciar. A verdade é que nunca usava açúcar por sofrer de uma diabetes ligeira. Com exceção desse brevíssimo contacto, estivera sempre sozinho no seu reino e nos seus pensamentos. Embora

fosse estranho formular as coisas desta maneira: a filha não o viera visitar pelo menos uma dúzia de vezes? Mas nunca se poderia dizer que Winnie o incomodava, e de qualquer modo tinha obrigação de conviver com ela. Já o filho nunca aparecia, nunca vinha até tão longe, não porque não quisesse, mas porque vivia e trabalhava no Novo México, perto da fronteira com o Arizona. Era um médico substituto num dos *pueblos*.

O Sr. Tomelty tinha segmentado a sua propriedade: o anexo onde Tom ficava, mais os aposentos para hóspedes no corpo do edifício, e também o Apartamento do Torreão, neste momento — e de súbito — ocupado por uma jovem mãe e o seu filho, que haviam chegado pouco antes do Natal, durante um dos raros nevões. Ninguém duvidava da eficiência do Sr. Tomelty enquanto senhorio. Era certamente rico, porque além desta propriedade, chamada Queenstown Castle, detinha um hotel imponente na marginal de Dunleary, o The Tomelty Arms, um nome com ressonâncias aristocráticas. Mas a sua aparência habitual, pelo menos na perspectiva de Tom, era a de um jardineiro curvado pela idade, a passar mesmo por baixo da janela panorâmica das traseiras, virada para o mar, como uma figura de um conto de fadas, empurrando um carrinho de mão que rangia. Durante o verão e o outono, o velho Sr. Tomelty andara à cata de ervas daninhas, arrancando-as e atirando-as para um monte de entulho que não parava de aumentar. Só o inverno lhe interrompera esta tarefa.

Ouviu-se de novo o implacável bater de um punho contra a porta. E, como se não bastasse, o som da campainha, insistente. Tom levantou o corpo sólido e volumoso da cadeira, o mais rápido que conseguiu, como se obedecesse a um instinto de dever — ou, talvez, apenas à sua humanidade. Mas era também um obscuro incómodo para ele. Sim, habituara-se a estar inativo e recatado, a gostar disso — talvez demasiado, pensou, uma vez que o sentido de dever ainda estava vivo dentro dele. Apesar de tudo, quarenta anos ao serviço da polícia não deixavam de ser quarenta anos ao serviço da polícia.

Pela porta envidraçada, conseguia ver as silhuetas de dois homens, possivelmente envergando fatos escuros — mas era difícil ter a certeza, porque o grande rododendro, atrás deles, conferia-lhes uma espécie de halo carregado, e de qualquer modo a luz do dia ia perdendo força. Estas eram as poucas semanas em que o rododendro

floria verdadeiramente, apesar do vento e do frio e da chuva. Mesmo através do vidro fosco, Tom reconheceu o movimento de passar o peso de uma perna para a outra que as duas figuras estavam a fazer. Típico de pessoas com dúvidas quanto à forma como serão recebidas. Mórmones, talvez.

A porta da frente não assentava bem nos gonzos e a aresta inferior arranhava dramaticamente o chão. Havia uma lamentável marca em forma de leque nos mosaicos. Ele abriu a porta, que chiou, e para sua surpresa ali estavam dois jovens detetives da sua antiga divisão. Ficou perplexo, e um pouco alarmado, mas reconheceu-os logo. Não se lembrou propriamente dos nomes, mas quase. Como não os reconhecer? Vestiam-se à paisana de forma tão ostensiva que era como se gritassem o facto de não serem civis. Tinham a barba a despontar, característica dos homens que se levantam muito cedo, e havia neles algo que, gostasse ou não, o transportava para os seus primeiros tempos na polícia, tempos de uma improvável inocência.

«Como é que vai, Sr. Kettle?», disse o que estava à direita, um rapaz grandalhão com um bigode que parecia ter sido posto ali com uma pincelada, vagamente hitleriano a bem dizer. «Espero que não o estejamos a incomodar.»

«De modo nenhum, de modo nenhum, não incomodam nada, não incomodam nada», disse Tom, esforçando-se ao máximo para disfarçar a mentira. «Sejam bem-vindos. Há algum problema?» Muitas vezes coubera-lhe transmitir o tipo de notícias que ninguém quer receber, batendo à porta de pessoas que estavam em suas casas — pessoas na privacidade das suas mentes, uma espécie de privacidade sonhada, à qual inevitavelmente só fora acrescentar problemas. Lembrava-se dos rostos preocupados mas esperançosos, do choque ao ouvirem o que tinha para lhes dizer, por vezes o terrível choro. «Querem entrar?»

Eles queriam. Assim que transpuseram a porta, apresentaram-se — o matulão disse chamar-se Wilson; o outro, O'Casey —, apelidos que lhe diziam qualquer coisa, e trocaram frases de circunstância sobre o tempo péssimo e como aquele espaço parecia tão confortável — «é muito acolhedor», disse Wilson —, e depois Tom foi à cozinha fazer-lhes chá. Era como se estivesse num barco. Pediu a Wilson que acendesse a luz, e este, depois de procurar durante uns

momentos, encontrou o interruptor e obedeceu. A lâmpada, fraquinha, era só de quarenta *watts*, teria de fazer qualquer coisa quanto a isso. Tom pensou em pedir desculpa pelo facto de os livros ainda estarem nos caixotes, mas não disse nada. Então, os dois indivíduos sentaram-se, quando ele lhes pediu que o fizessem, e dispararam as gentilezas profissionais do costume para trás e para diante através da cortina de contas de vidro que separava a sala da cozinha, com a naturalidade satisfeita de homens com uma profissão perigosa. Ser polícia tinha sempre um certo perigo associado, à semelhança da vida no mar. Eles mostravam-se bastante à vontade com ele, mas também respeitosos, como exigia o antigo posto de Tom, e talvez também o facto de já não o exercer.

Enquanto os dois homens falavam, Tom sentiu-se agradecido aos deuses por decidirem que aquele falso castelo a contemplar ocasionalmente o mar escuro de chumbo seria agora tomado, pouco a pouco, por uma escuridão ainda mais densa. Eram quatro da tarde e já caía a noite, levando tudo consigo, até que só as luzinhas ténues dos candeeiros em Coliemore Harbour conseguissem refletir-se até uns quantos metros água adentro, salpicando as ondas sombrias. O farol de Muglins, para lá da ilha, iluminar-se-ia em breve, e mais longe ainda, já fora do círculo dos lugares conhecidos, distante no horizonte, o farol de Kish começaria a exhibir a sua luz poderosa, varrendo laboriosamente as profundas extensões. Pensou nos peixes lá em baixo, agitando-se como miúdos de rua, pelas esquinas. Haveria botos nesta altura do ano? Talvez só congros, enrolando-se na escuridão. Peixes escamudos com os seus corpos plúmbeos e uma certa indiferença ao facto de os pescarem, como se fossem criminosos falhados.

Não demorou muito para que as três chávenas e o bule fossem dispostos numa velha mesa de apoio indiana, que Tom ganhara num torneio de golfe, há muito tempo. Os jogadores verdadeiramente bons, como Jimmy Benson e aquele outro, como é que se chamava, McCutcheon ou algo assim, tinham desistido, com gripe, por isso o seu escasso talento fora mais do que suficiente naquele dia. Ao pensar nisso, ele sorria sempre, mas não agora. Àquela luz, o tabuleiro de níquel até parecia de prata.

Tom estava ligeiramente preocupado por não ter açúcar para lhes oferecer.